



**XIII Simpósio de Ensino e Pesquisa em
Matemática – SEPMAT e XI Semana
da Matemática**



16 a 18 de setembro de 2026

**VIVÊNCIAS DO PIBID NO HBL EM MOVIMENTO: UMA EXPERIÊNCIA
INTERDISCIPLINAR***

Emilly Roberta Querino de Souza¹

Vânia Lúcia Sampaio Brandão¹

Caroline Brasil Alvarenga Cunha¹

Regina Litz Lamblém²

Renata Patrícia Paulino Brandão Machado³

RESUMO

Neste trabalho relatamos uma experiência decorrente do protagonismo de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de Matemática, em um evento com a temática dos Povos Originários de Mato Grosso do Sul, realizado na Escola Estadual Hermelina Barbosa Leal, em Cassilândia-MS. O objetivo deste trabalho é relatar e analisar as experiências das bolsistas ao cooperar com a organização e realização do evento, em parceria com os estudantes do Ensino Médio e professores da área de Matemática da escola e contribuição do evento aos participantes. A ação consistiu na organização de uma sala temática de Matemática composta por jogos e atividades inspirados na cultura indígena para receber estudantes do nono ano do Ensino Fundamental de escolas do município de Cassilândia-MS. Os resultados evidenciaram o interesse dos visitantes pelas atividades e disposição em compreender e resolver os problemas apresentados. Para as bolsistas, autoras deste trabalho, a experiência possibilitou vivenciar aspectos da prática docente em parceria com os estudantes do Ensino Médio e professores da escola, articulando estudos, planejamento e desenvolvimento das atividades no evento. Conclui-se que a ação contribuiu para a vivência de uma prática pedagógica interdisciplinar no contexto escolar, articulando atividades matemáticas aos saberes dos povos originários, valorizando sua cultura e ampliando as experiências das bolsistas do PIBID.

*O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – EDITAL Nº 10/2024. Agradecemos ao apoio financeiro da CAPES aos autores.

¹ Estudantes do curso de Matemática – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – E-mail: emillyrobertadesouza@gmail.com, vania55brandao@gmail.com, brasilcaroline1@gmail.com.

² Professora Adjunta do curso de Matemática e Coordenadora de área do PIBID – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – lamblem@uems.br.

³ Professora da Educação Básica (Supervisora do PIBID) – E. E. Hermelina Barbosa Leal – rpb_paulino@hotmail.com.

Palavras-chave: Povos Originários; Interdisciplinaridade; PIBID.

1 INTRODUÇÃO

O estudo sobre os Povos Originários de Mato Grosso do Sul, voltado ao desenvolvimento de atividades nas escolas, integra as ações formativas do PIBID, subprojeto de Matemática da UEMS. Os estudos foram contemplados no planejamento realizado pela coordenadora de área, professores supervisores e bolsistas, articulando estudo, planejamento, prática pedagógica e sistematização das ações. A partir desse processo, os bolsistas puderam conhecer e explorar a temática, refletir sobre suas possibilidades pedagógicas no ensino da Matemática e vivenciar sua aplicação em um contexto educativo concreto.

Com esse propósito, os bolsistas do PIBID, em parceria com estudantes do Ensino Médio e professores de Matemática da Escola Estadual Hermelina Barbosa Leal, participaram da organização de uma sala temática de Matemática no HBL EM MOVIMENTO – 3ª TRILHA DO CONHECIMENTO: Os Povos Originários de Mato Grosso do Sul, realizada em outubro de 2025.

A ação teve como objetivo promover uma prática interdisciplinar que articulasse Matemática, História e Cultura. Além disso, buscou-se incentivar o protagonismo dos estudantes do Ensino Médio e dos bolsistas do PIBID na elaboração e condução das atividades, com os bolsistas atuando no auxílio e na orientação dos estudantes.

A sala temática contou com jogos e desafios inspirados na cultura dos povos originários, entre eles o Jogo da Onça, atividades envolvendo simetria em mandalas indígenas e problemas relacionados ao cálculo de perímetro e área de ocas, abordando aspectos da Matemática em diferentes elementos da cultura indígena.

O evento recebeu estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de escolas municipais de Cassilândia-MS, organizados em equipes que percorreram as diferentes salas temáticas. Na sala de Matemática, os bolsistas, juntamente com os estudantes do Ensino Médio, atuaram como mediadores das atividades, orientando os participantes na resolução dos desafios e promovendo discussões sobre as relações entre os conhecimentos matemáticos e os saberes dos povos originários.

A escrita deste trabalho surgiu a partir de uma reunião realizada após o evento, entre as acadêmicas bolsistas, autoras deste trabalho, a coordenadora de área do PIBID e a professora supervisora da escola, com o objetivo de sistematizar as atividades desenvolvidas. Nesse contexto, temos como objetivo relatar e analisar as experiências das bolsistas na organização e

desenvolvimento das atividades relacionadas à sala temática, em parceria com os estudantes do Ensino Médio e professores da área de matemática da escola. Para ilustrar essa experiência, apresentamos o Jogo da Onça como uma das atividades realizadas.

2 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

O planejamento das atividades foi subsidiado por estudos em artigos científicos e sites, que contribuíram para ampliar a compreensão sobre as relações entre Matemática, cultura e povos originários e orientar a organização da proposta. A seguir, apresentamos alguns deles.

A Etnomatemática, proposta por Ubiratan D'Ambrosio, compreende a Matemática como uma construção humana presente nas diferentes culturas. Segundo o autor, “a etnomatemática é a matemática praticada por grupos culturais identificáveis” (D'AMBROSIO, 2005, p. 9). Nessa perspectiva, conhecimentos relacionados às formas geométricas, simetrias, medidas e estratégias presentes nas culturas dos povos originários constituem possibilidades para abordar a Matemática de maneira contextualizada, favorecendo o reconhecimento da diversidade cultural e dos diferentes modos de produzir conhecimento.

Nessa mesma direção, Rodrigues et al. (2025) realizaram um levantamento de publicações sobre evidências empíricas relacionadas às práticas da Etnomatemática por professores da educação escolar indígena no Brasil, buscando compreender sua relevância no contexto educacional dessas comunidades. Esse estudo contribuiu para que as bolsistas conhecessem pesquisas e experiências relacionadas à inserção da Etnomatemática em escolas indígenas.

Bernardi e Caldeira (2012), por sua vez, discutem os desafios da Educação Matemática na escola indígena, tendo como referência o povo Kaingang da Terra Indígena Xapecó, em Ipuçu (SC). Os autores abordam possibilidades de inserção, no ambiente escolar, de discussões relacionadas aos papéis desempenhados pela Matemática na sociedade indígena. Essa referência contribuiu para ampliar a compreensão das bolsistas sobre as relações entre os conhecimentos matemáticos e os contextos culturais dos povos originários.

Complementando os estudos, Santos et al. (2018) apresentam aspectos históricos e culturais do Jogo da Onça, contribuindo para o conhecimento sobre essa prática e subsidiando sua escolha para a sala temática. Já Goiânia (s.d.) contribuiu para ampliar a compreensão sobre o grafismo indígena e a identidade cultural dos povos originários.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os estudos realizados sobre a temática contribuíram para que as bolsistas colaborassem no planejamento das atividades, na confecção dos materiais, na organização do espaço expositivo e na culminância do evento. Como parte da organização, a escola foi ambientada de acordo com a temática do evento, desde a entrada até a sala temática de Matemática.

Para representar um dos materiais que compuseram o espaço, escolhemos o Jogo da Onça, também conhecido como Adugo, por se tratar de uma atividade relacionada à cultura indígena e que possibilita explorar estratégias de raciocínio lógico. A Figura 1 apresenta a caracterização da porta da sala (a) e o Jogo da Onça utilizado durante a atividade (b).

Figura 1 – Caracterização da porta da sala temática e Jogo da Onça utilizado na atividade.



Fonte: arquivos pessoais.

Durante o evento, os participantes tiveram a oportunidade de conhecer e manipular os materiais. O Jogo da Onça foi disputado por dois jogadores, sendo que um deles controlava a onça, cujo objetivo era capturar os cachorros, enquanto o outro movimentava o grupo de cachorros, que deveria atuar conjuntamente para cercá-la e limitar seus movimentos. As peças eram movimentadas pelo tabuleiro conforme as possibilidades de deslocamento, exigindo dos jogadores a análise das posições e a escolha de estratégias para alcançar seus objetivos. Nesse sentido, Santos et al. (2018) contribuem para a compreensão da origem, das características e da dinâmica do Jogo da Onça, bem como de sua relação com a cultura indígena.

Os participantes demonstraram curiosidade e interesse pelas atividades da sala temática. Em relação ao Jogo da Onça, destacaram a necessidade de antecipar movimentos e elaborar estratégias, evidenciando a mobilização do raciocínio lógico e da tomada de decisões de forma lúdica e contextualizada. A apresentação do jogo também possibilitou o contato com uma manifestação cultural dos povos indígenas, articulando cultura, ludicidade e conhecimentos

matemáticos. Essa perspectiva dialoga com D'Ambrosio (2005), ao compreender a Etnomatemática como a Matemática praticada por grupos culturais identificáveis.

Para as bolsistas a ação possibilitou vivenciar o planejamento, a organização e a condução de práticas educativas em espaço diferenciado de aprendizagem com o contato com os estudantes, como pode ser observado no caso do Jogo da Onça. A experiência envolveu atuação colaborativa, divisão de responsabilidades e interação com os estudantes do Ensino Médio e professores da área de Matemática da escola, constituindo uma vivência interdisciplinar que ampliou as experiências das acadêmicas bolsistas do PIBID na atuação pedagógica e na valorização de aspectos culturais no ambiente escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação fortaleceu o papel do PIBID na formação inicial de professores, ao possibilitar que as bolsistas vivenciassem uma prática pedagógica interdisciplinar no contexto escolar. A experiência ampliou a compreensão sobre as possibilidades de articular a Matemática a temas culturais, além de favorecer a vivência do trabalho colaborativo no ambiente escolar.

Em relação aos participantes, a ação possibilitou a vivência de uma atividade cultural e a interação interdisciplinar com diferentes materiais e jogos, por meio da exploração e manipulação dos recursos expostos, como o Jogo da Onça.

Além disso, a ação contribuiu para a produção e disponibilização de materiais, como o Jogo da Onça, que permaneceram na escola, ampliando as possibilidades de utilização desses recursos em futuras práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

BERNARDI, L. S.; CALDEIRA, A. D. Educação matemática na escola indígena sob uma abordagem crítica. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 26, n. 42B, p. 409-431, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/bolema/a/GMNMD9vfMyRHWyR9cWy9fGg/?format=html&lang=pt&ilang=pt_BR. Acesso em: 19 ago. 2026.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOIÂNIA. Secretaria Municipal de Educação. *O grafismo indígena*. Goiânia: Secretaria Municipal de Educação, [s.d.]. Disponível em: <https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/eaja/o-grafismo-indigena/>. Acesso em: 19 ago. 2026.

RODRIGUES, H.; SILVA, F. V.; ARAGÃO, C.; SOUSA, A. G. M. A prática da Etnomatemática em escolas indígenas: revisão de escopo. **Ciência & Educação, Bauru**, v. 31, 2025. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/dNBrdvWWDgq65z6jxthVXmH/?lang=pt>. Acesso em: 21 ago. 2026.

SANTOS, G. G. S.; SILVA, D. F. .; SANTOS, I. S. M. O Jogo da Onça. IMPRENSA NACIONAL - Novos Rumos da Comunicação Pública, Ano 2, p. 21, nº 10, 2018 . Disponível em: https://www.gov.br/impresanacional/pt-br/centrais-de-conteudo/arquivos/revisa_in_2018_10.pdf/@@display-file/file. Acesso em: 19 ago. 2026.